

Fachadas e Monumentos

Dúvidas Mais Freqüentes na Hora de Iluminar

Da Redação

Perguntas de nossos leitores enviadas por carta e e-mail, após o fechamento da edição especial – LA_PRO – sobre o tema Fachadas e Monumentos, não vão ficar sem resposta! Veja quais foram as questões mais freqüentes e aproveite para tirar a sua dúvida.

Como encontrar o equilíbrio entre destacar devidamente um monumento e evitar o excesso de poluição luminosa?

Günter Parschalk (Studio IX): Nos últimos anos, cada vez mais, a importância do controle da poluição luminosa, principalmente em áreas urbanas, vem tomando corpo. Os equipamentos, bem como o conceito de iluminação de fachadas, acompanham essas mudanças, de forma a minimizar a incidência de luz direcionada à abóbada celeste.

Por outro lado, com as novas tecnologias de iluminação disponíveis, assim como o uso cada vez mais disseminado de materiais transparentes ou translúcidos nas fachadas, podemos observar o aumento na quantidade de edifícios luminosos ou, pelo menos, com detalhes luminosos. Esta é uma tendência crescente devido ao desenvolvimento de novos materiais, que permitem aos arquitetos e designers conceberem desde o início do projeto uma identidade diferencial da arquitetura em seu contexto urbano por meio da luz.

O uso de softwares e imagens renderizadas é indicado?

Gilberto Franco (Franco & Fortes Lighting Design): Apesar de existirem, atualmente, programas de renderização muito eficientes, a realização de testes em campo é sempre muito desejada, especialmente em fachadas históricas. Há sempre sutilezas a serem descobertas nestes testes e é uma ótima ocasião de se ajustar a iluminação a variáveis locais, difíceis de serem apreendidas em projeto.

O que é recomendável e o que é inadmissível na iluminação de monumentos e fachadas?

Fabiano Xavier (Atelier Lumière): É recomendável: integração do material; adequação das potências e fotometrias; equilíbrio das luminâncias; controle de ofuscamentos; intervenções não destrutivas e reversíveis em se tratando de bens tombados; luz sim, mas também sombras; bom gosto.

É inaceitável: aparelhos visíveis e fora de escala; uso de braços extensores (iluminação de *outdoor*); ruptura do equilíbrio formal e compositivo do edifício; excesso de luminância fazendo o edifício se descolar do contexto ou “flutuar”; não tratar o entorno da edificação quando necessário; uso indiscriminado de recursos cromáticos,



alterando a hierarquia urbana; tecnologias ineficientes de alto consumo energético; mau gosto.

Que tipo de equipamentos são mais indicados?

Fabiano Xavier (Atelier Lumière): As soluções mais sofisticadas podem exigir uma grande variedade de tipos de equipamentos. A tipologia a ser adotada dependerá da escala e estilo do edifício e, principalmente, das possibilidades de posicionamento, seja sobre a edificação, no solo ou no seu entorno imediato. A partir do posicionamento, depreende-se que fotometria e que potência será empregada, em função do efeito plástico que se procura obter.

Como princípio geral, os equipamentos mais recomendados serão

aqueles de menor tamanho, que representam menor ou nulo impacto visual durante o dia. A possibilidade de dispor de diversas fotometrias em um mesmo tipo de invólucro é também um atributo valioso. O índice de estanqueidade elevado é fundamental, principalmente em determinadas regiões onde o índice pluviométrico costuma submeter os equipamentos a condições bem piores que as laboratoriais. A qualidade dos dispositivos óticos deve ser levada em conta, visto que muitas vezes aparelhos com óticas que geram maior rendimento permitem utilizar uma potência de lâmpada imediatamente inferior àquela que seria necessária em um aparelho com performance inferior. Aparelhos que permitem a incorporação de dispositivos de controle de fluxo e ofuscamento, bem como de filtros

refratores ou de cor são recomendados, embora estes elementos também possam ser fabricados sob medida, na própria obra. De modo geral aparelhos em forma de prisma são menos visíveis que aparelhos cilíndrico-cônicos.

Toda fonte de luz pode ser ótima em função do que se deseja obter como efeito. Atualmente, dispõem-se de tecnologias variadas como LEDs, lâmpadas de descarga de 35 até 2000W, lâmpadas fluorescentes tubulares e compactas, micro-lâmpadas de xenon, lâmpadas halógenas em baixa tensão, entre outras. Contudo, é importante observar que, quanto maior a variedade de fontes de luz empregadas, maiores são os desafios para equilibrar corretamente as luminâncias e, principalmente, manter a harmonia entre as temperaturas de cor. Como

exemplo: em uma iluminação onde se opta por predominância de temperatura de cor de 4000/4200K e utilização de lâmpadas de multivapores metálicos, haverá dificuldade para as potências mais baixas (menos de 35W). Inversamente, para um partido predominante a 3000K, começaremos a ter dificuldades para as potências a partir de 250W, no caso de emprego de lâmpadas tubulares ou elipsoidais. Mesmo fazendo-se uso de lâmpadas bipino base FC2, ocorrerão leves distorções cromáticas devido à variações de picos no espectro. Portanto, partidos com utilização de temperaturas de cores diversas podem decorrer destas limitações. Partidos de iluminação com utilização de temperatura de cor "única" podem exigir a utilização de filtros corretores. ◀

Anuncie

Lume Arquitetura. Os melhores clientes são os que têm acesso à melhor informação.



Um profissional bem informado reconhece o que é tradição, sem ter medo do novo. Conhecimento é poder. Por isso, Lume Arquitetura é lida pelos melhores profissionais do mercado. São arquitetos, lighting designers, engenheiros, pessoas interessadas em conhecer o produto ou serviço que você tem a oferecer. Anuncie em Lume Arquitetura e ganhe visibilidade na melhor revista do segmento de iluminação.

Publicidade Lume Arquitetura

(11) 3801 3497

publicidade@lumearquitectura.com.br

ou no nosso site: www.lumearquitectura.com.br

L U M E
ARQUITETURA

A melhor informação sobre iluminação